

LEITURAS LITERÁRIAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: EXPERIÊNCIAS COM O GÊNERO FÁBULAS NAS AULAS DE LEITURA

Juliana Costa Neres (Pós-Crítica/UNEB)²⁹

Resumo: A Educação de Jovens e Adultos por meio do Parecer CNE/CEB nº 23/2008 representa uma outra possibilidade de acesso ao direito à educação escolar sob uma nova concepção pedagógica própria. Em vista disso, e como fazemos parte de uma sociedade letrada, cabe à escola desenvolver uma política de leitura que promova a formação leitora do sujeito antes mesmo de ele dominar o código escrito. Nesse sentido, as práticas de leitura literária na EJA são de extrema importância devido ao fato de elas serem um instrumento de emancipação do sujeito, uma vez que permitem a pluralidade de leituras e discussões sobre o texto; Zilberman (2000). Nessa perspectiva de promoção de uma política de leitura na EJA anterior ao processo de alfabetização plena, surge o trabalho com o gênero Fábulas como recurso de incentivo às narrativas pessoais. Na concepção de Walter Benjamin (1994) as narrativas possibilitam ao sujeito contar sua própria história num gesto de compartilhamento. Mesmo antes de aprender a ler, o indivíduo entra em contato com os mais diversos tipos e gêneros textuais dentro e fora da escola; (COELHO, 2000). Por esta razão, a pesquisa em andamento objetiva observar e analisar as práticas de leitura literária desenvolvidas numa turma de 2º ano do Fundamental I da EJA (turma sob a minha orientação), utilizando Fábulas brasileiras como referência literária para o observatório oralizado de leituras, no intuito de promover uma interação dos estudantes com o texto e com as suas próprias histórias. A pesquisa preocupar-se-á também com a desconstrução da natureza moralizante das fábulas, visto que por muito tempo a escola as utilizou como forma de instruir os sujeitos. Assim, partindo do pressuposto das sequências didáticas de Délia Lerner (2002), criaremos nas aulas de leitura, vivências literárias planejadas (CRUZ, 2012) que serão desenvolvidas com o referido grupo de alunos durante um período determinado, possibilitando aos estudantes situações de leitura com diferentes graus de complexidade, permitindo aos leitores estabelecer com os textos um pacto ficcional demandado pela literatura, fazendo com que eles sejam capazes de se apropriarem efetivamente dela. Como repercussão social da pesquisa buscaremos disseminar nas escolas material didático referente às práticas de leitura na EJA, utilizando o gênero fábula como recurso de oralidade literária.

Palavras-chave: EJA, Fábulas, Práticas de leitura literária.

INTRODUÇÃO:

A Educação de Jovens e Adultos compreende uma outra oportunidade de acesso ao direito à educação escolar sob uma nova concepção pedagógica própria. Assim, a educação de jovens e adultos, apresenta-se como uma das modalidades da educação brasileira que tem como um dos seus principais objetivos oferecer educação a jovens, adultos e idosos a aprendizagem que outrora lhes fora negada por diversos motivos no ensino regular.

A pesquisa propõe-se a observar e analisar as práticas de leituras literárias na sala de aula do 2º ano fundamental da EJA, utilizando especificamente as fábulas brasileiras, e como estas podem contribuir para o processo de aprendizagem de leitura e escrita na modalidade da Educação de Jovens e Adultos. No objetivo de promover um momento de interação dos educandos com o texto, bem como a contextualização com suas histórias de vida, compreendendo a oralidade como base

²⁹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia, sob a orientação da profa. Dra. Maria de Fátima Berenice da Cruz E-mail. julyalagoinhas@hotmail.com.

para a aquisição do código linguístico, haja vista que alguns ainda não dominam o sistema escrito, ou ainda não sabem ler, sendo por isso necessário trabalhar a partir da oralidade dos sujeitos da EJA.

É preciso promover uma política de leitura na EJA, que tenha como fundamento as práticas sociais, a história de vida, em que estes possam contextualizar, se envolvendo com o que está sendo ofertado em sala de aula. Assim, Penso ser primordial a valorização da linguagem oral destes educandos, pois é notável que em sua maioria ainda que não saibam ler, trazem em suas marcas e histórias os frutos de experiências que tiveram com os mais diversos gêneros textuais ao longo de suas vidas.

No sentido de perceber as práticas de leitura literária como instrumento capaz de promover a emancipação do sujeito, elegeu-se o gênero fábula, por este possuir estreita relação com a sabedoria popular, intui-se que possibilite aos educandos uma formação leitora oral como base para a habilidade de dominar o código escrito.

Nesse intuito será proposta uma sequência didática com o gênero fábula fundamentada em Lerner, em que partimos da oralidade de cada educando para avançarmos no processo de aquisição da escrita, compreendendo ser necessária a valorização da oralidade em sala de aula.

A FÁBULA COMO INSTRUMENTO DE EMANCIPAÇÃO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

A Educação de Jovens e Adultos representa para alguns minimamente a possibilidade de aprender a escrita do nome, para outros a possibilidade de saber ler e escrever, ou ainda mais que isso, na visão Freiriana (1987) teoria e prática devem ser indissociáveis, possibilitando ao aluno tornar-se sujeito ativo, autor de sua própria história, assumir-se como ser histórico social, pensante, comunicante, transformador, criador e realizador num processo democrático da educação.

Acrescenta-se a isso a possibilidade de sair da invisibilidade, do contexto de desvalorização, a vir trocar ideias, compartilhar e viver experiências e histórias, ampliando seus horizontes, visando à emancipação e sua autonomia para além dos muros da escola, podendo vir a transformar a sociedade em que vive.

Os sujeitos que farão parte da pesquisa ainda não estão alfabetizados, mas é sabido que apesar de não dominarem a leitura do código escrito possuem vasto conhecimento de vida, pois já tiveram contato com os mais diversos gêneros textuais em situações cotidianas. (COELHO, 2000)

Sabe-se que o tempo de trabalho na EJA é reduzido, por conta do pouco tempo oferecido ao turno noturno, optou-se pelas fábulas, gênero de narrativa breve, e de forte ligação com as práticas sociais, já que tem estrita ligação com a sabedoria popular. Fora pensando também em um momento em que todos pudessem participar, ou melhor, compartilhar suas experiências por meio da interação com o texto, num gesto que nos faz lembrar o narrador de Benjamim, entretanto na configuração

deste trabalho, não é apenas o narrador que ganha a cena e que pode compartilhar seu conhecimento, mas um gesto coletivo dos narradores da EJA, em que todos possam soltar suas vozes, partilhar o sensível.

Esta pesquisa compreende a fábula como recurso funcional para o desenvolvimento da oralidade e de extrema importância na fundamentação do ensino de leitura e escrita, uma vez que objetiva a contextualização dos saberes de vida, característico e expresso pela oralidade com os saberes escolares. Entretanto as fábulas só produzem este resultado em sala de aula quando são abordadas de forma a explorar o literário do texto: “A leitura literária das fábulas representa a possibilidade de um trabalho de fruição estética por parte dos alunos; tem ainda uma função lúdica; proporciona o conhecimento ao formar culturalmente os educandos; além de funcionar como catarse para os leitores” (SOUZA, 2011, p. 174).

Nesse intuito, em busca de instrumentos que propiciasse a emancipação desses sujeitos, destacam-se nesta pesquisa as práticas de leituras literárias com enfoque central no gênero fábula com vista a estimular o desejo pela leitura. Pois não há que haver dicotomia entre a leitura do código escrito e a leitura de mundo, que é descrita por meio da oralidade, pois em conjunto colaboram de forma positiva para a emancipação e humanização dos sujeitos.

É por meio da leitura que o ser humano pode alcançar nível de consciência de sua condição cada vez maior, e assim atravessar a linha do invisível em uma sociedade excludente e ainda colonizada pelos saberes eurocêntricos. A leitura literária é um instrumento de emancipação, para tanto deve ser trabalhado enfatizando o literário do texto conforme Lerner, “Para que a leitura como objeto de ensino não se afaste demasiado da prática social que se quer comunicar, é imprescindível “representar” — ou “reapresentar” — na escola, os diversos usos que ela tem na vida social” (2002 p. 79-80).

Para que isso ocorra o professor precisa perceber-se como agente de mudança, refletindo sobre sua práxis em sala de aula, de forma a contribuir e ampliar o ato de ler de si próprio e de seus alunos num processo emancipatório diferente ao que ao panorama que encontramos hoje nas escolas com relação ao ensino de literatura principalmente.

É fato de que há uma carência de práticas literárias em nossas escolas, ou quando há estas existem são abordadas de maneira equivocada, consequência da escolarização que é feita dos textos literários, estes ao serem transportados para o livro didático e para o ensino perdem seu valor literário.

Em virtude disto é necessário ir à contramão da escolarização dos textos literários, característicos da educação bancária, neste tipo de educação os textos literários são extirpados do

seu valor literário para beneficiar uma educação que visa apenas à memorização e a decodificação do código linguístico, assim os textos literários são trabalhados desconectados da realidade.

Os sujeitos não são estimulados a encontrar sentidos no texto, apenas o sentido do texto, geralmente proferido pela autoridade maior, em questão o professor, este aqui encontra papel principal, é considerado detentor do saber, logo do poder de discernir qual o sentido do texto, qual a interpretação ideal e mais propicia para o texto naquele momento, negligenciando uma das principais características da obra literária, conforme cita Lerner (2002, p. 74) [...] a obra literária é aberta e aceita múltiplas interpretações. Todo o tratamento que a escola faz da leitura é fictício, começando pela imposição de uma única interpretação possível. [...].

É preciso romper com o contrato didático, como sugere Lerner (2002) nele estão já prescritas os papéis do professor e aluno numa perspectiva colonizadora e não democrática. É urgente que a escola reveja este contrato, que busque a inovação de suas práticas pedagógicas e as funções de cada um dos seus integrantes.

Que por meio da oralidade o educando e principalmente o sujeito de EJA passe a ser visto como sujeito de bagagem histórica, social e cultural, podendo este ser coautor no processo de sua formação, haja vista que todo educando de EJA traz consigo um vasto conhecimento decorrente de sua vida e de sua prática em sociedade, faltando-lhe apenas a contextualização com os saberes escolares, sendo esta uma das atribuições da escola.

Importante salientar que a contextualização do saber popular e do saber escolar só acontece por uma educação de visão libertadora de cunho problematizadora e descolonizadora que visa uma realidade escolar transformada, que seja capaz de desconstruir um sistema de ensino pautado na memorização mecânica e padronizado dos conteúdos. Assim, segundo a pesquisadora Zilberman, o leitor “socializa formas que permitem a compreensão dos problemas, configura-se também como ponto de partida para o conhecimento do real e a adoção de uma atitude libertadora” (2000, p. 37).

Desse modo o que se pretende com as fábulas é que o ensino seja capaz de antes de ofertar o saber escolarizado seja capaz de reconhecer o potencial que estes sujeitos trazem e que neste momento inicial da escolarização só podem ser expressos por meio da oralidade.

Partir da oralidade é de grande importância, é romper com a cultura do silêncio do colonizador, pensando que não se começa um trabalho de aquisição da escrita do zero e que os conteúdos a serem ensinados e aprendidos não podem ser depositados nos educandos como se estes fossem tábulas rasas e chegassem vazios à escola, mas reconhecer que os conteúdos escolares não podem ser desconectados da realidade dos sujeitos, mas que de alguma forma devem engendrar-se e produzir novos significados para a vida destes sujeitos.

Nesta nova postura da escola o contrato didático é deixado para trás, o educador não é o único que detém o conhecimento, nem o único que ensina. Os educandos já não são seres sem luz, ou sem capacidade de opinar, de se posicionar e sem poder de discernimento.

Espera-se que os papéis já não sejam prescritos, mas que todos aprendam e ampliem sua capacidade leitora e/ou oral e escrita num processo de mão dupla tornando-se protagonistas de suas histórias. Desse modo o professor de EJA mais que um mediador é um ser em constante transformação, num processo de construção e desconstrução do saber, no qual aprendemos a todo o momento em meio tantos relatos de experiências de vida. “Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos apesar das diferenças que as conotam, não se reproduz a condição de objeto do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, 1996, p. 25).

Em vista do ensino de caráter problematizador, o gênero fábula entra em cena como instrumento que além de valorizar e estimular a oralidade dos alunos, também se contrapõe ao falso ensinar, que não valoriza os conhecimentos prévios dos sujeitos.

Sua abordagem deve levar em consideração que os educandos são os sujeitos reais capazes de transformar sua realidade, de construir, reconstruir e contextualizar os saberes. É essa perspectiva que vemos a importância do professor reconhecer que o sujeito de EJA possui uma história de vida, ou melhor, histórias de vida e que estas devem ser valorizadas e contextualizadas com o ensino escolar. Em vista disto, o professor deve ter consciência de que a oralidade pode proporcionar base para a aquisição do processo de ensino e aprendizagem da leitura e escrita, partir da oralidade, é partir do real social e cultural do educando.

SEQUÊNCIA DE LEITURA DO GÊNERO FÁBULA

De início, optamos pela fábula “O sapo e o escorpião”, para tal momento buscou-se fundamento teórico nas autoras para produzirmos as estratégias didáticas de leitura (LERNER, 2012) e as vivências literárias de (CRUZ, 2012), assim o gênero fábula foi pensado para ser trabalhado da seguinte maneira em sala de aula:

1. Conversa breve de caráter informal sobre o gênero fábula, indagando os alunos sobre: Se eles conheciam, se já ouviram falar de alguma fábula. Caso a resposta fosse positiva seria solicitado que sinalizassem quais fábulas eles conheciam, explorando ao máximo a oralidade de cada um deles.
2. Apresentação da fábula que iriam ser trabalhadas:
 - 2.1. Organização da sala em roda, em seguida será entregue a xerox a cada um dos educandos,
 - 2.2. Leitura pausada e em voz alta da fábula pelo professor.
 - 2.3. Exposição em data show da animação em vídeo, após a leitura do professor.

3.0. Roda de discussão: 3.1. Escuta sensível, 3.2. Estimular a participação de todos, 3.3. Valorizar a fala de todos, 3.4. Ajudá-los a contextualizar com seus saberes, 3.5. Explorar ao máximo a oralidade de cada um, 3.6. Produção do reconto oral ou escrito (para aqueles que tenham um pouco da habilidade escrita), 3.7. Refletir sobre como o gênero relaciona com a minha história de vida.

4.0. Trabalhar a forma como o texto se apresenta; agora, sim após o trabalho literário das fábulas, partir para a forma como o texto se apresenta, como está disposto, podendo explorar a parte gramatical de um texto, observando e atentando-se para a transposição didática do mesmo.

CONCLUSÃO:

Assim, partimos com enfoque nas fábulas, já que com este gênero literário visamos ampliar a habilidade leitora e interesse dos alunos pela leitura, partindo de um gênero que se pode contextualizar com suas narrativas pessoais, estimulando-os a se relacionarem com o texto, com as discussões em sala de aula bem como valorizar a oralidade de cada um, entendendo que esta é base fundamental para a aquisição da escrita.

A importância de levar a fábula para a sala de aula de EJA é que ela proporciona também uma leitura crítica e autônoma, sendo ferramenta fundamental e indispensável nas práticas de leituras literárias para a formação do senso crítico, possibilita ao sujeito a observação e a reflexão, oportunizando possíveis soluções para os conflitos cotidianos, permitindo ao sujeito a análise de soluções, além de propiciar a capacidade de auto avaliação e reflexão, pois na perspectiva desta pesquisa o gênero literário fábula traz não apenas uma visão da moral, mas pluralidade de interpretações e das possíveis conexões com a história de vida de cada um.

A sequência proposta como os gêneros fábulas em sala de aula fora pensada num momento em que o professor pudesse fazer a leitura em voz alta, permitindo o posicionamento dos educandos, desta forma os sujeitos participantes puderam trazer a cena seus saberes num processo de contextualização. Desta forma possibilitou-se que adentrassem ao mundo da leitura literária recheado de múltiplas possibilidades em que estes puderam estabelecer com os textos o pacto ficcional.

REFERÊNCIAS

BENJAMIM, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

COELHO, Nelly. Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000

CRUZ, Maria de Fátima Berenice. *Leitura literária na escola: desafios e perspectivas de um leitor*. Salvador: EDUNEB, 2012.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LERNER. Délia. *Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário*. Porto Alegre: Artemed, 2002.

SOUZA et al. *Leitura literária na escola: reflexões e propostas na perspectiva do letramento*/ Renata Junqueira de Souza, Berta Lúcia Tagliari Feba (Org.). Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.

Zilberman. Regina. *Estética da recepção e História da Literatura*. São Paulo: Editora Ática. 2000.